

OS CARACTERES FUNDAMENTAIS DA DITADURA FASCISTA

Antes de começar nosso curso quero dizer algumas palavras sobre o termo “adversários”, a fim de evitar da parte de vocês uma interpretação falsa desse termo, falsa interpretação essa que poderia levar a erros políticos.

Quando falamos de “adversários”, não visamos *as massas* que estão inscritas nas organizações fascistas, social-democratas, católicas. Nossos adversários são as *organizações* fascistas, social-democratas, católicas, mas as massas que aderem a elas não são nossos adversários, são massas de trabalhadores que devemos fazer todos os esforços para conquistar.

Passemos ao nosso assunto: o fascismo. Que vem a ser o fascismo? Qual a sua definição mais completa?

A definição mais completa do fascismo foi formulada pelo XIII Pleno da Internacional Comunista e é a seguinte: “O fascismo é uma ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro.”

Nem sempre se deu a mesma definição do fascismo. Em diversas etapas, em diversos momentos, deram-se diferentes definições do fascismo, definições freqüentemente errôneas. Seria interessante (e é um trabalho que lhes aconselho) estudar as diferentes definições que demos do fascismo nas diferentes etapas.

No IV Congresso, por exemplo, Clara Zetkin¹ fez um discurso sobre o fascismo que foi quase inteiramente dedicado a destacar o seu caráter pequeno-burguês. Bordiga², ao contrário, insistia

1. Clara Zetkin (1875-1933): militante comunista do Partido Social Democrata Alemão, adepta da “Liga Spartakista” (Liebknecht e Rosa Luxemburgo).

2. Amadeo Bordiga (1889-1970): um dos fundadores do Partido Comunista Italiano (PCI) e seu primeiro Presidente. Líder da ala esquerdista do Partido, de onde foi expulso, em 1930, como trotskista. Como militante do Partido Socialista Italiano (PSI), fundou e dirigiu o jornal *Il Soviet*, a partir de dezembro de 1918.

na ausência total de diferença entre a democracia burguesa e a ditadura fascista, apresentando-as quase como a mesma coisa, afirmando que havia entre essas duas formas de governo burgueses uma espécie de rotação, de alternância.

Nesses discursos falta o esforço para unir, para ligar dois elementos: a ditadura da burguesia e o movimento das massas pequeno-burguesas.

Do ponto de vista teórico, o mais difícil é compreender bem a ligação que existe entre esses dois elementos. E é da máxima importância compreender essa ligação. Se ficamos no primeiro elemento, perdemos de vista a grande linha do desenvolvimento histórico do fascismo e o seu conteúdo de classe. Se ficamos no segundo elemento, perdemos de vista as perspectivas.

Esse erro foi cometido pela social-democracia que, ainda recentemente, negava tudo o que dizíamos sobre o fascismo e o considerava como um retorno a formas medievais, como uma degenerescência da sociedade burguesa. Em suas definições, a social-democracia partia exclusivamente do caráter pequeno-burguês de massa que o fascismo havia efetivamente assumido.

Mas o movimento das massas não é o mesmo em todos os países. A ditadura tampouco é a mesma em todos os países. Por isso devo adverti-los contra um erro fácil de ser cometido. Não devemos crer que o que é verdadeiro para a Itália deva ser verdadeiro, deva convir para todos os outros países. O fascismo pode ter formas diversas em diferentes países. Mesmo as massas de vários países possuem formas de organização diferentes. E deve-se também levar em conta o período de que se fala. Em tempos diferentes, num mesmo país, o fascismo assume aspectos diferentes. Devemos então fixar dois elementos. Já vimos a definição do fascismo mais completa: "O fascismo é uma ditadura aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro."

Que quer dizer isto? E por que justamente neste momento, nesta etapa do desenvolvimento histórico, nos encontramos face a essa forma, isto é, face à ditadura aberta, não camuflada, das camadas mais reacionárias e mais chauvinistas da burguesia?

É necessário falar disto porque o problema não está claro para todo mundo. Encontrei um companheiro que tinha metido tão bem na cabeça essa definição, que se espantou ao ler num artigo de Gramsci que todo Estado é uma ditadura.

É claro que não se pode contrapor a democracia burguesa à ditadura. Toda democracia é uma ditadura.

Vejamos a posição que tinham os social-democratas alemães quanto à definição do fascismo. Eles diziam que o fascismo toma o poder da grande burguesia e o passa à pequena burguesia, que em seguida o utiliza também contra a primeira. Uma tal posição vocês podem também encontrar em todos os escritores social-democratas italianos: Turati, Treves, etc. Dessa posição deduziam sua estratégia segundo a qual a luta contra o fascismo seria obra de todas as camadas sociais, etc. Deste modo eludiam a função que cabe ao proletariado na luta contra o fascismo.

Mas vejamos as coisas ainda mais perto de nós. Em 1932, na Alemanha, mesmo no âmbito do Partido Comunista, certas correntes de oposição afirmavam que o fascismo instaurava a ditadura da pequena burguesia sobre a grande burguesia. Era uma afirmação falsa, da qual derivava inevitavelmente uma falsa orientação política. Pode-se encontrar essa afirmação em todos os escritos dos "direitistas". A este respeito eu queria também adverti-los contra uma outra definição: cuidado quando ouvirem falar do fascismo como "bonapartismo". Essa afirmação, que é o cavalo de batalha do trotskismo, é tirada de certas afirmações de Marx no *18 Brumário*, etc., e de Engels. Mas as análises de Marx e Engels, se eram boas para aquele tempo, para a época do desenvolvimento do capitalismo, tornam-se falsas se aplicadas mecanicamente hoje, no período do imperialismo.

Que resulta dessa definição do fascismo como "bonapartismo"? A consequência é que não é a burguesia quem dirige, e sim Mussolini, e sim os generais, que arrebatarão o poder, inclusive à burguesia.

Recordem a definição que Trotsky deu do governo de Brüning: "governo bonapartista". É uma concepção que os trotskistas sempre tiveram do fascismo. Qual a sua raiz? Sua raiz é o desconhecimento da definição do fascismo como ditadura da burguesia.

Por que o fascismo, por que a ditadura aberta da burguesia se instaura hoje, justamente neste período? Vocês devem encontrar a resposta no próprio Lênin, vocês devem procurá-la em seus trabalhos sobre o imperialismo. *Não se pode saber o que é o fascismo se não se conhece o imperialismo.*

Vocês conhecem as características econômicas do imperialismo. Vocês conhecem a definição que dele dá Lênin. O imperialismo é caracterizado por: 1.º) concentração da produção e do capital, formação dos monopólios com uma função decisiva na vida econômica; 2.º) fusão do capital bancário com o capital industrial e formação, à base do capital financeiro, de uma oligarquia financeira; 3.º) grande importância da exportação de capitais; 4.º) surgimento de associações monopolistas internacionais de capitalistas; e, finalmente, repartição

da Terra entre as grandes potências capitalistas, que podemos considerar concluída.

Estas são as características do imperialismo. Sobre sua base há uma tendência a uma transformação reacionária de todas as instituições políticas da burguesia. Isto também vocês encontram em Lênin. Há uma tendência a tornar reacionárias essas instituições e essa tendência se manifesta, em suas formas mais conseqüentes, com o fascismo.

Por que? Porque, dadas as relações de classes e dada a necessidade para os capitalistas de garantir seus próprios lucros, a burguesia deve encontrar formas para exercer uma forte pressão sobre os trabalhadores. Por outro lado os monopólios, isto é, as forças dirigentes da burguesia, se concentram ao máximo e as antigas formas de governo tornam-se obstáculos ao seu desenvolvimento. A burguesia deve voltar-se contra o que ela própria criou, pois o que outrora foi para ela um elemento de desenvolvimento tornou-se hoje um obstáculo à conservação da sociedade capitalista.

É por isso que a burguesia deve tornar-se reacionária e recorrer ao fascismo.

Aqui devo adverti-los contra um outro erro: o esquematismo. É preciso ter cuidado para não cometer o erro de considerar como fatal, inevitável, a passagem da democracia burguesa ao fascismo. Por que? Porque o imperialismo não deve *necessariamente* dar lugar ao regime da ditadura fascista. Vejamos isto com exemplos práticos: a Inglaterra, embora sendo um grande Estado imperialista, possui um regime democrático parlamentar (embora não se possa afirmar que aí não existem traços reacionários). Vejamos a França, os Estados Unidos e outros países, onde encontramos as tendências à forma fascista de sociedade, mas as formas parlamentares ainda existem. Essa tendência à forma fascista de governo existe em toda parte. Mas isto não quer dizer ainda que em toda parte se deva chegar necessariamente ao fascismo.

Formulando uma tal afirmação, cometeríamos um erro esquemático, pois estaríamos afirmando uma coisa que não existe na realidade e cometeríamos ao mesmo tempo um grande erro político, na medida em que não veríamos que as probabilidades de instauração de uma ditadura fascista estão ligadas ao grau de combatividade da classe operária e à sua capacidade de defender as instituições democráticas. Quando o proletariado não o quer, é difícil derrubar essas instituições. Essa luta pela defesa das instituições democráticas se amplia e se transforma em luta pelo poder.

Este é um primeiro elemento a esclarecer, quando definimos o fascismo.

O segundo elemento consiste no caráter das organizações do fascismo, com base de massa. Muitas vezes o termo "fascismo" é empregado de uma maneira imprecisa, como sinônimo de reação, terror, etc. Isto não é justo. O fascismo não significa apenas a luta contra a democracia burguesa, não podemos empregar essa expressão apenas quando estamos em presença dessa luta. Devemos empregá-la apenas quando a luta contra a classe operária se desenvolve sobre uma nova base de massa de caráter pequeno-burguês, como vemos na Alemanha, na França, na Inglaterra, por toda parte onde existe um fascismo típico.

A ditadura fascista se esforça, assim, por ter um movimento de massa, organizando a burguesia e a pequena burguesia.

É muito difícil ligar esses dois momentos. É muito difícil não destacar um em detrimento do outro. Por exemplo, no período de desenvolvimento do fascismo italiano, antes da Marcha sobre Roma³, o partido ignorou este importante problema: entrar a conquista das massas pequeno-burguesas descontentes pela grande burguesia. Essa massa era então representada pelos ex-combatentes, por certas camadas de camponeses pobres em vias de enriquecimento, por toda uma massa de desqualificados (*spostati*) criados pela guerra.

Não compreendemos que no fundo de tudo isso havia um fenômeno social italiano, não vimos as profundas causas sociais que o determinavam. Não compreendemos que os ex-combatentes, os desqualificados, não eram indivíduos isolados, mas uma *massa*, e que representavam um fenômeno que possuía aspectos de classe. Não compreendemos que não se podia simplesmente mandá-los para o diabo. Assim, por exemplo, os desqualificados, que durante a guerra tinham tido uma função de comando, ao voltarem à sua terra queriam continuar a comandar, criticavam o poder existente e colocavam toda uma série de problemas que devíamos ter levado em consideração.

Era dever nosso conquistar uma parte dessa massa, neutralizar a outra parte, para impedir que se tornasse uma massa de manobra da burguesia. Mas ignoramos essas tarefas.

Este foi um de nossos erros. Erro que também se repetiu depois, ao ignorarmos a mudança das camadas intermediárias no

3. Símbolo do fascismo, a Marcha consistiu, na verdade, numa série de manifestações que, atingindo o ápice em outubro de 1922, prepararam o golpe de Estado que conduziu Mussolini ao poder. Projetada por Mussolini, a Marcha foi, em sua fase final, organizada por Italo Balbo, Emilio De Bono, Cesare Maria De Vecchi e Michele Bianchi, e atuou principalmente como ameaça, ao governo do Primeiro Ministro Luigi Facta, de uma insurreição fascista. Milhares de fascistas chegaram efetivamente a acampar em Roma, em 29 de outubro, à espera da ordem de avançar; sob essa pressão, o rei Vittorio Emanuele telegrafou a Mussolini, que se encontrava em Milão, pedindo-lhe para formar um novo governo.

sentido de criar na pequena burguesia correntes que podem ser exploradas pela burguesia contra a classe operária.

Nosso outro erro foi o de nem sempre ter destacado exatamente o caráter de classe da ditadura fascista. Destacamos o fato de que a ditadura do fascismo se devia à fraqueza do capitalismo. Um discurso de Bordiga assinalou fortemente o papel que tiveram na criação do fascismo os elementos mais fracos do capitalismo: os proprietários rurais. Partindo daí, deduzia-se que o fascismo é um regime próprio aos países de economia capitalista fraca. Esse novo erro de nossa parte se explica parcialmente pelo fato de termos sido os primeiros a nos defrontar com o fascismo. Depois vimos como o fascismo se desenvolveu igualmente na Alemanha, etc.

Mas ao mesmo tempo cometíamos também um outro erro. Ao definir o caráter da economia italiana, nos limitávamos a ver quanto se produzia no campo e quanto na cidade.

Não levávamos em conta que a Itália é um dos países em que a indústria e as finanças são mais concentradas, não levávamos em conta que não bastava considerar a parte da agricultura, mas que se devia ver a estrutura orgânica bastante avançada do capitalismo italiano. Era suficiente ver as concentrações, os monopólios, etc., para concluir que o capitalismo italiano não era, afinal de contas, um capitalismo fraco.

Não fomos os únicos a cometer este erro. Pode-se afirmar que se trata de um erro generalizado.

Na Alemanha, por exemplo, cometeu-se um erro semelhante no julgamento que se fez sobre o desenvolvimento do movimento fascista em 1931. Certos camaradas afirmavam que o fascismo estava vencido, que naquele país o perigo de uma ditadura fascista não existia, pois um tal perigo não existia para um país tão desenvolvido quanto a Alemanha, no qual as forças operárias eram tão desenvolvidas. Barramos o caminho ao fascismo, diziam eles. Encontram-se algumas alusões a isso até mesmo em certos discursos do XI Pleno. Nosso erro foi o mesmo: a subestimação da possibilidade de desenvolvimento do movimento fascista de massa. Em 1932, os mesmos camaradas consideravam que a ditadura fascista, sob o governo de Brüning, já se achava instaurada. E que, conseqüentemente, não se tratava mais de lutar contra o fascismo.

Isso também era um erro. Eles viam como fascismo aquilo que era apenas a transformação reacionária das instituições burguesas. Mas o governo de Brüning não era ainda uma ditadura fascista. Faltava-lhe um dos elementos: uma base de massa reacionária que permitisse combater com sucesso, a fundo, contra o proletariado e assim abrir terreno para a ditadura fascista aberta.

Vejam bem: quando nos equivocamos na análise, nos equivocamos também na orientação política.

Em ligação com isso surge ainda um outro problema: a instauração da ditadura fascista é um reforço ou um debilitamento da burguesia?

Discutiu-se muito sobre este ponto, especialmente na Alemanha. Certos camaradas cometeram o erro de afirmar que a ditadura fascista era apenas um sinal de enfraquecimento da burguesia. Diziam eles: a burguesia recorre ao fascismo porque não pode governar com os velhos sistemas. E isto é um sinal de fraqueza.

É verdade. O fascismo se desenvolve porque as contradições internas chegaram a tal ponto que a burguesia é obrigada a liquidar as formas da democracia. Deste ponto de vista, quer dizer que nos encontramos diante de uma crise profunda, que se prepara uma crise revolucionária que a burguesia quer enfrentar. Mas ver apenas este aspecto nos leva a cometer o erro de concluir que quanto mais se desenvolve o movimento fascista, mais se torna aguda a crise revolucionária.

Os companheiros que faziam um tal raciocínio não viam o segundo elemento, não viam a mobilização da pequena burguesia. E não viam que essa mobilização continha elementos de reforço da burguesia na medida em que ela lhe permitia governar com métodos diferentes dos métodos democráticos.

Outro erro consistia em cair no fatalismo. Radek⁴ exprimiu essa concepção ao dizer que, segundo certos companheiros, a afirmação de Marx de que entre o capitalismo e o socialismo há um período de transição, representado pela ditadura do proletariado, deveria ser substituída pela afirmação de que entre o capitalismo e o socialismo deve haver o período da ditadura fascista.

Chega-se a perder a perspectiva política e a acreditar que quando o fascismo está no poder tudo acabou. Vejam, ao contrário, o que se deu na França. A união das forças da burguesia correspondeu uma concentração das forças do proletariado. O Partido Comunista soube de maneira muito hábil opor uma barreira ao estabelecimento do fascismo. Hoje, em França, o problema do fascismo não se coloca mais como a 6 de fevereiro, mudou a correlação de forças. O perigo do fascismo não foi afastado, mas se lutou contra o fascismo e em decorrência disso a crise da burguesia se agravou. O fascismo se prepara para o contra-ataque, para uma nova ofensiva. Devemos organizar nossas forças para repeli-la. E não podemos

4. *Karl Radek* (1885-1939): comunista russo, bolchevique, membro do Comitê Central e do Presidium da III Internacional Comunista. Após 1923, fez parte da fração trotskista e foi expulso do Partido Comunista da URSS em 1936.

compreender o problema se não o colocamos assim, como uma luta de classes, como uma luta entre a burguesia e o proletariado, na qual a aposta, para a burguesia, é a instauração de sua própria ditadura em sua forma mais aberta e, para o proletariado, a instauração de sua própria ditadura, à qual ele chega lutando pela defesa de todas as suas liberdades democráticas.

Por isso é que Bordiga estava enganado, quando perguntava com desprezo: por que devemos lutar pelas liberdades democráticas? Já que, no final de contas, são coisas que no período atual devem ir todas para o diabo... Em 1919 Lênin, polemizando com Bukharin e Piatakov a respeito do programa do partido, já lhe dava uma resposta. Bukharin e Piatakov sustentavam que, como se tinha chegado à fase do imperialismo, não era mais necessário levar em conta no programa as etapas precedentes. Mas Lênin respondia: Não, nós ultrapassamos essas etapas, mas isto não quer dizer que as conquistas feitas pela classe operária ao longo dessas etapas sejam desprovidas de valor. O proletariado deve lutar pela defesa de suas conquistas. Nessa luta se reforça a frente de luta pela vitória do proletariado.

Vejam agora um outro problema: a questão da ideologia fascista. Que representa ela nesta luta?

Analisando essa ideologia, o que encontramos? De tudo. É uma ideologia eclética. Elemento comum a todos os movimentos fascistas, ela é, de saída, por toda parte, a ideologia nacionalista exacerbada. Para a Itália não é preciso falar muito. Na Alemanha esse elemento é ainda mais forte, pois a Alemanha é uma nação que foi vencida durante a guerra, e o elemento nacionalista era o que mais se prestava para unir as grandes massas.

Ao lado deste elemento, há numerosos fragmentos que vêm de outras partes. Da social-democracia, por exemplo. Assim, a ideologia corporativa, à base da qual se encontra o princípio da colaboração de classe, não é uma invenção do fascismo e sim da social-democracia. Mas há ainda outros elementos que não vêm mesmo da social-democracia. Por exemplo, a concepção do capitalismo (que não é comum a todos os fascismos, mas que se encontra no fascismo italiano, alemão e francês), que consiste em considerar o imperialismo como uma degenerescência que deve ser eliminada, enquanto que a verdadeira economia capitalista é a do período original e portanto é preciso voltar às origens. Esta concepção vocês encontram em certas correntes democráticas, por exemplo em *Giustizia e Libertá*⁵. Não se trata de uma ideologia social-democrata, mas

5. Denominação do grupo socialista fundado por Carlo Rosseli em 25 de outubro de 1929. Carlo e seu irmão Nello foram assassinados, em junho de 1937, em Paris, por *cagoullards* (fascistas franceses) a serviço de

antes de uma ideologia *romântica*, através da qual se manifesta o esforço da pequena burguesia para fazer voltar atrás o mundo que caminha para o socialismo.

Na Itália e na Alemanha vê-se surgir na ideologia fascista novos conceitos. Na Itália fala-se de superar o capitalismo, dando-lhe elementos de organização. Aqui aparece novamente o elemento social-democrata. Mas plagueia-se também o comunismo: os planos, etc.

A ideologia fascista contém uma série de elementos heterogêneos. Devemos ter isto presente porque esta característica nos permite compreender para que serve essa ideologia. Ela serve para unificar diversas correntes na luta pela ditadura sobre as massas trabalhadoras e para criar, com este fim, um amplo movimento de massas. *A ideologia fascista é um instrumento criado para manter ligados esses elementos.*

Uma parte da ideologia, a parte nacionalista, serve diariamente à burguesia, a outra serve como elemento de ligação.

Quero adverti-los contra a tendência a considerar a ideologia fascista como algo de solidamente constituído, de acabado, de homogêneo. Nada se parece mais com um camaleão do que a ideologia fascista. *Não pensem na ideologia fascista sem ver o objetivo que o fascismo se propunha a atingir num determinado momento com uma determinada ideologia.*

Resta como linha fundamental: o nacionalismo exacerbado e a analogia com a social-democracia. Por que esta analogia? Porque mesmo a ideologia social-democrata é uma ideologia pequeno-burguesa. Isto é, nas duas ideologias o conteúdo pequeno-burguês é análogo. Mas essa analogia se exprime sob formas diversas, em tempos e países diferentes.

Lancemos rapidamente as bases para a próxima lição. Como se colocou na Itália, num determinado momento, o problema da organização da ditadura fascista e como se conseguiu organizar o movimento reacionário? Este é o tema.

Vamos às origens. Por um lado, há a crise revolucionária, a burguesia se acha impossibilitada de governar com os velhos sistemas, há um descontentamento geral, uma ofensiva da classe operária, greves políticas, gerais, etc. Estamos, em uma palavra, no após-guerra: a crise revolucionária profunda.

Observa-se aí especialmente um elemento: a impossibilidade para a classe dirigente italiana de aplicar a velha política, a política aplicada até o fim de 1912, a política giolittiana⁶, "reformista". Refor-

Galeazzo Ciano, genro de Mussolini e Ministro do Exterior da Itália de 1936 a 1943.

6. Referência à política de *Giovanni Giolitti* (1842-1928), uma das principais figuras da política italiana do começo do século. Várias vezes

mista, não porque os reformistas tivessem chegado ao poder, mas porque se tratava de uma política de concessões a determinados grupos, visando manter de pé a forma da ditadura burguesa sob sua aparência parlamentar.

No após-guerra essa política não pode mais se manter, porque a massa operária e camponesa se insurge contra ela.

Cabe destacar dois grandes acontecimentos no após-guerra: o grande desenvolvimento do Partido Socialista Italiano⁷, que conta com centenas de milhares de membros e milhões de eleitores. Por outro lado, o despertar das classes camponesas, com muitos partidos, pois os camponeses se acham divididos. O Partido Popular⁸ é um partido camponês. Ao mesmo tempo, vemos movimentos camponeses, ocupações de terras no Sul (*Mezzogiorno*), etc.

Os operários e os camponeses partem para o ataque e inicia-se sua aliança. Essa convergência do ataque operário e camponês se encontra no após-guerra italiano sob as formas mais desenvolvidas. Ela assinala o fim das formas parlamentares.

A burguesia deve liquidar o parlamentarismo. O descontentamento não se estende apenas aos operários, mas envolve também a pequena burguesia. Surgem movimentos pequeno-burgueses, de ex-combatentes, etc. A burguesia e a pequena burguesia não suportam mais o regime existente, querem uma mudança.

É sobre esse terreno que surge o fascismo.

Quando esse movimento na pequena burguesia se transforma num movimento único? Não no começo, mas no final de 1920. Ele se transforma quando intervêm um elemento novo, quando as forças mais reacionárias da burguesia intervêm como elemento organizador. Anteriormente, o fascismo se desenvolvia, mas não era ainda o elemento fundamental.

O movimento fascista surge durante a guerra. Prossegue, em seguida, nos *Fasci di Combattimento*⁹. Mas há elementos que não

ministro do Estado, foi chefe do governo quase ininterruptamente de 1903 a 1913 (o chamado "decênio giolittiano") e, depois, de julho de 1920 a junho de 1921. Em 1922, com a criação de um "bloco da ordem", facilitou o acesso dos fascistas ao poder. Antonio Gramsci o vê como a última encarnação do "transformismo", isto é, da passagem de políticos de origem esquerdista para a política conservadora.

7. O *Partito Socialista Italiano* (PSI) foi fundado em 1895, como herdeiro do Partido Operário Italiano (1882) e do Partido dos Trabalhadores Italianos (1892).

8. O *Partito Popolare Italiano*, partido católico de base camponesa, foi fundado em janeiro de 1919. Pretendia organizar uma sociedade democrática cristã em oposição ao Estado liberal clássico. Luigi Sturzo, Alcide De Gasperi, Giuseppe Donatti e Francesco Ferrari foram alguns de seus principais dirigentes.

9. Os *Fasci Italiani di Combattimento* foram fundados em Milão, na Praça San Sepolcro, em 23 de março de 1919, com a finalidade, esta-

o seguirão até o fim. Por exemplo, polemizando com Nenni, nós o chamávamos de fascista. Mas, num dado momento, ele se afastou. Em sua origem, o fascismo era composto por vários grupos, não homogêneos, que não iam juntos até o fim. Vejam as seções fascistas da cidade. Em 1919-1920, encontram-se aí elementos da pequena burguesia pertencentes a diversos partidos, que discutiam os problemas de política geral, que colocavam uma série de questões, apresentavam reivindicações. Nesse terreno, tem-se o primeiro programa do fascismo (Praça San Sepolcro), essencialmente pequeno-burguês, que reflete a orientação dos *fasci* urbanos. Tomem, ao contrário, o fascismo do campo: Emilia, etc. Não é o mesmo. Ele surge mais tarde, em 1920. Apresenta-se sob o aspecto de *squadre* armadas para a luta contra o proletariado. *Surge como squadristismo*¹⁰. A ele aderem desqualificados (*spostati*), pequenos burgueses, camadas sociais intermediárias. Mas é imediatamente órgão de combate contra a classe operária. Em suas sedes não se discute. Por que esta diferença? Porque aqui o proprietário rural interveio imediatamente, como elemento de organização.

belecida por Mussolini, de "desencadear uma guerra revolucionária" que visava, acima de tudo, os "bolcheviques" e que propunha uma confusa "revolução social". De seu programa inicial (Praça San Sepolcro), constavam: proclamação da república, sufrágio universal, salário mínimo, jornada de 8 horas de trabalho, participação de representantes operários na direção de empresas, abolição do Senado, etc. Seu primeiro Comitê central foi composto por Mussolini, o poeta "futurista" Marinetti, Ferruccio Vecchi, Mario Giampaoli e Cesare Rossi. Da reunião da Praça San Sepolcro saíram os "sansepolcristi", fascistas de primeira hora, que gozavam de inúmeros privilégios. O *fascio* organizava-se de forma totalitária, controlando a vida dos cidadãos, pronunciando e executando sentenças, muitas vezes através das *squadre*. O termo *fascio* (conjunto de varas), na Itália pré-fascista, era adotado por vários grupos ou associações políticas; com o fascismo, o termo passou a ser confundido com *fascas*, o símbolo dos antigos cônsules romanos.

10. As *squadre* foram a primeira tropa de choque do fascismo; a partir delas, formaram-se as milícias fascistas. Atuaram, desde 1920, no Vale do Pó e na Emilia, financiadas por proprietários rurais e integradas por ex-combatentes, desempregados, estudantes, etc., que atacavam, sob a responsabilidade de chefes locais (os *ras*), escritórios, sindicatos, partidos, etc. Introduziram uma qualidade anárquica e regional no fascismo, especializando-se nas violentas e imorais *spedizioni punitive*, caracterizadas por castigos brutais e pelos golpes de um grande porrete (*il santo manganello*), sob o pretexto de combater o "perigo vermelho" e a "catástrofe bolchevique". Após a conquista do poder por Mussolini, muitos *squadristi* abandonaram o Partido Fascista, por discordarem das novas diretrizes ou por acharem que o "perigo bolchevique" tinha passado; esses dissidentes tornaram-se incômodos para o fascismo, que muitas vezes teve que usar a autoridade do Estado contra eles. O lema dos *squadristi* foi tomado de D'Annunzio: *Me ne frego* ("Pouco se me dá").

A partir da metade de 1921, são criadas *squadre* inclusive nas cidades. Inicialmente em Trieste, onde o problema nacional é mais agudo, depois em outras cidades onde as forças estão mais tensas. As *squadre* se criam segundo o modelo do campo. Em Turim, após a ocupação das fábricas¹¹; na Emília, ao contrário, o fascismo já possuía àquela época fortes organizações.

Em fins de 1920 a burguesia intervém, mesmo nas cidades, como elemento de organização e se criam os grupos fascistas. Naquele momento se abre uma série de crises; a crise dos dois primeiros anos.

Sobre o que discutem? *Somos um partido?* É o problema do Congresso de Roma, do Congresso do Augusteo: devemos nos tornar um partido. Mussolini: continuamos ainda a ser um movimento. Mussolini se esforçava por manter unidas as mais amplas massas possíveis e é por isso que ele sempre gozou de maior aceitação. A luta se travava entre os elementos que queriam liquidar abertamente as organizações da classe operária e aqueles nos quais ainda eram fortes os resíduos das velhas ideologias.

Mussolini traiu o movimento dannunziano¹², que podia ser perigoso. Em 1920, assume uma atitude de simpatia para com a ocupação das fábricas, mas em seguida muda completamente. Ocorrem então os primeiros contatos abertos entre o movimento fascista e a organização dos industriais. Inicia-se a ofensiva, que durará dois anos, até a Marcha sobre Roma.

Interviera o elemento de organização: os proprietários rurais deram a forma de organização "squadrista" e os industriais aplicaram-na em seguida nas cidades.

Desta análise pode-se deduzir a justeza do que afirmávamos sobre dois elementos, sobre as forças da pequena burguesia e sobre o elemento de organização constituído pela grande burguesia.

Veremos como os dois elementos influíram um sobre o outro.

11. Referência aos acontecimentos de agosto-setembro de 1920, quando fábricas de Milão e de Turim (onde funcionavam os conselhos da fábrica, sob a direção de Gramsci) são ocupadas por operários. Após um acordo com Giolitti, as fábricas são voluntariamente desocupadas, poucos meses depois.

12. Movimento chefiado pelo poeta *Gabriele D'Annunzio* (1863-1938), nacionalista convicto, que em 12 de setembro de 1919 ocupou o porto de Fiume (então sob a proteção da Sociedade das Nações) e proclamou sua anexação à Itália. Os "legionários" de D'Annunzio desafiaram abertamente o governo Nitti até 25 de dezembro de 1920, quando abandonaram a cidade após a chegada do exército regular (*Natale di sangue*). Durante a ocupação, D'Annunzio aceitou a idéia de conquistar Roma e de ajudar os "povos oprimidos" de outros países, e promulgou uma constituição, a "Carta de Quarnero". Após a Marcha sobre Roma, muitos de seus legionários converteram-se em antifascistas e, mais tarde, o próprio D'Annunzio renunciou à atividade política, voltando-se definitivamente para a poesia.

Na primeira parte de nossa lição, como vocês recordam, procuramos dar uma justa definição do que é o fascismo, com base nos documentos da Internacional e com base na experiência italiana. Procuramos focalizar os elementos fundamentais da ditadura fascista, destacando como elementos fundamentais o seu caráter de classe, o fato de ser ela a expressão dos elementos mais reacionários da burguesia, e insistindo também sobre um segundo elemento, constituído pelo movimento de massa pequeno-burguês que esta ditadura conseguiu atrair para si.

Toda a lição foi dedicada a combater os erros existentes a respeito do fascismo, em decorrência dos quais não se vê o fascismo em seu desenvolvimento, já que não se examinam os vários elementos e as relações que entre eles se interpõem.

Uma parte da lição foi dedicada à função da ideologia fascista, que apontamos como sendo uma ideologia confusa e eclética, que serve para conservar unidas as camadas da pequena burguesia que fazem parte do movimento de massa fascista.

Alertamos contra os erros de esquematismo. E hoje desejo começar alertando mais uma vez contra estes erros, atendo-me a um dos problemas da história do fascismo na Itália.

É um grave erro acreditar que o fascismo tenha partido de 1920, ou da Marcha sobre Roma, com um plano preestabelecido, fixado com antecedência, de constituir um regime de ditadura, tal como este regime se organizou depois ao longo de dez anos e tal como nós o vemos hoje. Seria um grave erro.

Todos os fatos históricos do desenvolvimento do fascismo contradizem tal concepção. Mas não só isso: partindo-se desta concepção, cai-se inevitavelmente na ideologia fascista; aceitá-la significa que de um modo ou de outro se está sob a influência, direta ou indireta, do fascismo. De fato, são os fascistas que procuram fazer ver que